O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Haves*

ANO 41.º — N.º 2037
Sábado, 20 de Março de 1948

VISADO PELA CENSURA

O ARVOREDO DA CIDADE NÃO MERECE QUE O MALTRATEM

Alguem, escrevendo ao autor das *Várias Notas*, que o *Jornal de Notícias*, do Porto, costuma inserir diariamente, diz-lhe:

Em várias ruas do Porto, as hastes das árvores tentam entrar pelas janelas dos prédios, felizmente sem o conseguirem; no Outono e Inverno, as folhas que vão caindo entopem, *por vezes*, as caleiras, dando origem a que a chuva danifique os interiores dos referidos prédios (Cidade-Campo.)

Terão as árvores vantagem que suplante estas desvantagens apontadas?

As suas potentes raízes, deformando as ruas e depois dum certo desenvolvimento devem forçosamente prejudicar os serviços ou instalações subterrâneas; mas, o que importa, finalmente, é o enorme prejuizo causado em milhares de propriedades pelas folhas dessas árvores que dariam boa lenha e deixavam de ser ninhos de mosquitos.

Resposta:

Deus nos livre a todos os que moram nas cidades e nas vilas, que a sua *doutrina* fizesse escola! Há lá nada que pague os altos benefícios que as árvores nos prestam, purificando o ar das ruas e das praças onde alargam os seus ramos bem-fazejos!

Não tem razão nenhuma. Se as hastes entram pelas janelas, cortam-se. As folhas do Outono varrem-se. As raízes não prejudicam coisa nenhuma. O que é preciso é plantar mais árvores, muitas árvores, árvores onde seja possível plantá-las. Quanto mais árvores tem uma cidade, mais saudável é e a saude duma população está acima das caleiras e dos interesses arvorofobíacos de quem tão ingratamente paga às árvores os benefícios que elas nos dão. Tenha paciência mas discordo totalmente do seu ponto de vista e serei sempre contra todos os que façam guerra às àrvores protectoras e nossas amigas.

As árvores! Quanto mais arborizado é um País, mais rico se pode considerar. Um País cheio de florestas é um País riquíssimo. Veja-se o que se passa na Finlandia que deve a sua prosperidade à riqueza das suas florestas. O Brasil ainda hoje tem nas suas imensas florestas, a sua maior riquesa. Nós mesmos, embora só há pouco se tomasse a sério esse problema, foi com as nossas árvores, os nossos pinheiros, os nossos castanheiros, os nossos azinheiros, que constituimos a base do nosso progresso, e até da nossa expansão pelo Mundo, *por mares nunca dantes navegados*. Perguntar-me á o que tem isso que ver com as árvores que se encontram nas ruas do Porto? Não tem nada e tem tudo. O culto das árvores não representa apenas *ganância* comercial, mas defesa populacional. Uma árvore hegieniza o ambiente, purifica-o, é a melhor defesa da saúde de um povo. Ter o culto da árvore é ter em conta a defesa da espécie humana que dos seus efluvios, das suas emanações purificadoras necessita para a sua vida sã, para o seu organismo que os ambientes não arborizados depauperam. E isto apenas no que respeita às chamadas árvores simplesmente ornamentais, porque se pensarmos nas outras...

* * *

Vê-se, por aquilo que acima fica exposto, que há quem proclame a necessidade injustíssima do bota-abaixo para as árvores que aformoseiam e dão saúde e vida às ruas do Porto. Assim pedem-se para aqui menos árvores; e eu pediria ainda mais árvores se o meu pedido fosse ouvido. Quanto mais árvores melhor, nesmo que fosse preciso consertar todos os meses as caleiras dos predios. Limpar as caleiras é fácil. Voto pelas árvores contra todos os imaginarios dos possíveis prejuízos que elas possam dar aos proprietarios dos predios.

Apoiado!

Apoiadíssimo!

O que é preciso é que as árvores das cidades e das vilas sejam educadas convenientemente, não as deixando crescer à matroca.

Aveiro, nesse particular, estava agora deveras esmerada. Substituidas as das praças da República e Marquês de Pombal e, em parte, as primitivas da Avenida Artur Ravara, por terem secado, o aspecto desses locais melhorou e impõe-se, pois chegaram ao que nós desejávamos após porfiada luta. Agora, porém, que tudo estava certo, lembraram-se de cortar as da Avenida Dr. Lourenço Peixinho depois de deitarem abaixo as do Jardim Público e de degolarem as do Parque, transformando-o, quáse por completo, numa coisa indefinida ou mais apropriado ainda—indecifrável! Mas nós continuamos a protestar, em nome da cidade, contra semelhante vandalismo, como tal classificado no Relatório Municipal do ano de 1946, e que não só desgosta o sr. Presidente, como lhe abate o ânimo e o levam a pensar **que não é só na Africa que há selvagens.**

Lá vem escrito. Ora se *a opinião pública vale muito quando é justa, oportuna e construtiva,* parece-nos que temos por obrigação, hoje como ontem, **acordar na alma do povo sentimentos de culto e de veneração por aquilo que, sendo de todos, não é especificadamente de ninguém.**

Cá estamos, pois, a gritar: **Não cortem as árvores da Avenida! Não nos privem do que tanta falta nos vai fazer se levarem por diante tão condenável ideia!**

* * *

Na Praça D. Afonso Henriques, em Alcobaça, estavam a ser cortadas árvores para o seu aformoseamento. A Fazenda Nacional, porém, mandou embargar aqueles trabalhos — eis a informação que nos chega e que vem reforçar a atitude que tomámos em presença do que aí se está praticando sem atenção nenhuma pelos reparos de tôda a gente.

Aveiro e o seu progresso

—o—

A recente inauguração na Gafanha da Nazaré de um armazém frigorífico, importante melhoramento de iniciativa da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, sugere-nos algumas considerações que temos por oportunas e pertinentes ao progresso da cidade a que, pela graça inconfundível dos seus longos canais, se chama, comummente, a Veneza de Portugal. Os membros do Governo que a esse acto inaugural, de extraordinário significado para a população aveirense, deram a honra e o lustre da sua presença tiveram o ensejo de verificar que Aveiro é bem uma cidade com uma vontade enérgica e veemente de progredir. Com a inauguração do novo armazem frigorífico coincidiu o lançamento à água, nos estaleiros do conhecido construtor naval mestre Manuel Mónica, de dois novas navios-motores destinados à pesca do bacalhau.

Desta arte, Aveiro, que dos homens do Governo continua a merecer especial interesse, salientou-se, no panorama geral da vida portuguesa por duas realizações de vulto que, se interessam, em primeiro lugar, à cidade e à região a que respeitam, interessam também à nação, pelo que significam da relevante no curso do progresso nacional considerado em conjunto.

Pelo que respeita, particularmente, à pesca do bacalhau, não é segredo para ninguém que a frota bacalhoeira de matrítula aveirense tem, hoje, um posto de primeiro plano no quadro geral da nossa frota mercante. Não se ignora, também, que a pesca do bacalhau, em que milhares de homens esforçados e destemidos empregam a sua actividade flutuosa, tem tomado nos últimos tempos, excepcional desenvolvimento. Aveiro nesse vultuoso ramo de actividade económica de Portugal, desempenha um papel de elevada importância, razão que determinou a elaboração dum plano de assinalada amplitude para o arranjo e o desenvolvimento do respectivo porto de pesca.

Fixada, há anos, na Gafanha da Nazaré, na margem ocidental do canal de acesso a Aveiro, a laboriosa actividade bacalhoeira da região dispõe de todas as condições para se exercer por modo vantajoso, principalmente pelo que respeita à secagem. As obras que o Governo ali mandou fazer, de 1932 a 1936 representam um melhoramento considerável para a passagem da barra e, pela ampliação de que vão ser objecto, mais considerável melhoramento representarão, em próximo futuro. A segunda fase dessas obras, em via de execução, constitui motivo para que todos os aveirenses rejubilem, pois o benefício em vista não tem, de modo algum, signigificado meramente platónico antes traduz reais vantagens para a economia aveirense.

Recorrendo aos números, sempre excelentes, do ponto de vista da comparação e da elucidação, verificamos, pelos informes fornecidos pelas estatísticas, que o pescado entrado em Aveiro, em 1932, ultrapassou mil quatrocentos e vinte e nove toneladas, no montante de dois mil oitocentos e cinquenta e oito contos. Em 1946, esse movimento de entrada de pescado foi representado por onze mil novecentos e trinta e cinco toneladas, no valor de quarenta e sete mil setecentos e quarenta e quatro contos. Estes números, como é óbvio, sofreram novo aumento no ano que findou, o que não é para admirar, sabendo-se que a frota bacalheira de Aveiro foi dotada com novas e eficientes unidades, em 1947. Alguns dos navios com que a pesca do bacalhau se tem valorizado, em Aveiro, tem já vinte pés de calado, o que é bem significativo da sua importância.

O praso de seis anos estabelecido para a realização da segunda fase de construção do porto bacalhoeiro da região aveirense permitirá, pois que o Governo assim o determinou, que tudo esteja concluido na data prevista. Quando os prolongamentos dos actuais molhes tenham alcançado metade da extensão prevista, toda a frota bacalheira terá fácil acesso. Concluida essa parte dos trabalhos em curso, efectuar-se á à dragagem do canal de entrada até ao fundeadouro da Gafanha, procedendo-se, também, à ampliação da área desta e do alargamento das secas. Pelo novo plano, tem-se como assente a criação de terraplenos para novas secas, por serem insuficientes os actuais, a instalação de comunicações rápidas dentro do porto e de estaleiros para a conservação e renovação da frota bacalhoeira, o estabelecimento de um fundeadouro seguro para as hibernagens e a possibilidade de alargamento e expansão de todas as instalações.

Mercê do novo plano, a região aveirense ganhará novas possibilidades de progresso, pois que a sua vida económica, necessàriamente melhorará e entrará em período de franco desafogo.

Por seu turno, a Gafanha da Nazaré, a cujos recentes melhoramentos aludimos, de entrada, será por assim dizer, o centro nevrálgico da actividade aveirense e um motivo de legítimo orgulho para Aveiro.

Pelo que respeita às coisas da terra, a vista de conjunto e em pormenor não é menos interessante e menos louvável. A aprovação do plano de actividade e do orçamento do município para o ano em curso permite encarar com optimismo e progresso local. Os sete mil quatrocentos e quarenta e sete contos orçamentados facultam a obra do abastecimento de águas, a expropriação dos terrenos destinados ao novo edifício do liceu, que interessa, no mais alto grau, a toda a população e a que a Imprensa de Lisboa e do Porto se tem, especialmente e desenvolvidamente, referido, e outros melhoramentos consideráveis.

O turismo que começa a ser encaminhado para Aveiro, contribuirá, à sua parte, para que a formosa cidade da ria se valorize e desenvolva cada vez mais.

São tantos os motivos de encanto da região, verdadeiramente previlegiada pela natureza, que bem pode Aveiro, alinhada e aperfeiçoada pela mão do homem, converter-se numa das mais atraentes e sedutoras terras de Portugal.

A. B.

Feira de Março

Deve abrir na quinta-feira, 25, se por ventura fôr observada rigorosamente a tradição. Diremos mesmo, sem receio de forçar a nota—abre as suas portas!

E' que êste ano, pela primeira vez desde que nos conhecemos, a montagem foi vedada ao público, privando-se os operários de trabalharem à vista dos *mirones*, pelo que tudo quanto vai aparecer constituirá surpreza, se não pasmo.

O que é o progresso e o que fazem as novas ideias, as invenções aceleradas dos grandes luminares das artes!

Temos, pois, quase à vista um acontecimento, pela certa.

LUZ PÚBLICA

Inaugurou-se em Verdemilho e Bonsucesso pelo que o regosijo dos habitantes daqueles lugares do nosso concelho é manifesto.

Resta agora a compostura da estrada até à Quinta do Picado, que também faz parte do rol camarário.

A rega nas ruas

Ainda não foi iniciado este serviço embora toda a gente reconheça que já tarda.

Paciência.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro

Devido à aglomeração de trabalho nas oficinas onde é impresso «O Democrata» não se publica este na próxima semana, do que damos conhecimento prévio aos seus assinantes e leitores, pedindo-lhes desculpa da falta.

AINDA O NOSSO ANIVERSÁRIO

Mais colegas que nos distinguiram com as suas felicitações, as quais agradecemos deveras reconhecidos.

De *O Concelho da Murtosa*:

«O Democrata»

Eis um colega que se pode considerar um jornal antigo, mas que é sempre novo, como o seu director, sr. Arnaldo Ribeiro, que nunca envelhece.

Entrando em mais um ano de publicidade—o 41.º—a impressão de antiguidade desaparece diante da forma juvenil e desassombrada com que o *O Democrata* se apresenta em todos os números a defender Aveiro—a sua dama—pela qual vive e se bate.

O Concelho da Murtosa cumprimenta o valoroso confrade pelo seu recente aniversário e associa-se aos parabéns que da cidade e de fora vem recebendo pela sua acção.

De *O Ecos de Cacia*:

No 41.º ano de publicidade entrou o nosso distinto colega *O Democrata*, de Aveiro, que é um entusiasta e acérrimo defensor dos interesses do concelho e das ideias republicanas, combatendo sempre com aprumo moral e patriótico—mesmo nesta situação aflitíssima em que se debate a Imprensa da Província.

Felicitamos o nosso amigo sr. Arnaldo Ribeiro, desejando a *O Democrata* muitos e muitos anos de existência afim de continuar a honrosa luta a favor de Aveiro e da República.

De *O Figueirense*, da Figueira da Foz:

«O Democrata»

Entrou há dias no seu 41.º ano de vida, este estimado colega de Aveiro, que tem a dirigi-lo o intemerato jornalista Arnaldo Ribeiro, que nem os anos, nem as desilusões, nem as contrariedades que tem sofrido o têm feito recuar nas suas nobres intenções de ser útil à Pátria e à terra em que exerce o seu nobre sacerdócio, porque dirigir um jornal de província constitui um autêntico sacerdócio.

O Democrata recorda no seu artigo aniversariante a sua atitude perante os acontecimentos que provocaram o «28 de Maio» e a acção que teve neste movimento, para concluir que agiu em defesa dos interesses nacionais e para prestígio da República.

Felicitâmo-lo por contar mais um ano e desejamos-lhe muitos mais, porque de jornais como *O Democrata* é que Portugal necessita para prestígio da sua integridade.

Da *Defesa de Espinho*:

«O Democrata»

Este nosso prezado confrade da capital do distrito completou 40 anos de existência ao serviço da Pátria e da cidade de Aveiro.

Sàbiamente dirigido pelo nosso ilustre amigo sr. Arnaldo Ribeiro, *O Democrata* criou uma característica iuconfundível entre a imprensa da Província, distinguindo-se ora pelo desassombro das suas atitudes em prol das causas justas, ora pelo bom humor, crítico e mordaz, com que o seu director caustica os que não trilham pelo bom caminho.

Camarada franco, leal e *sem papas na lingua*, como soe dizer-se, Arnaldo Ribeiro que, como jornalista honesto e sincero, tem conhecido, a par de retumbantes triunfos, horas amargas e dissabores que são o prémio do jornalista que exerce a função com dignidade e altivez, tem-nos distinguido sempre com a sua solidariedade reconfortante, nas horas críticas porque também temos passado, estreitando cada vez mais a amizade que felizmente nos liga e que será indissolúvel.

Felicitando *O Democrata* por ter atingido tão apreciável idade, formulamos os mais sinceros votos pelas suas prosperidades e pela saúde do seu intemerato director para que por muitos anos, ainda, possa imprimir-lhe a feição tão sua, que o torna um dos mais apreciados orgãos da Imprensa da Província.

Da *Defesa de Arouca*:

Completou 40 anos de existência este nosso distinto colega que se publica em Aveiro sob a proficiente direcção do sr. Arnaldo Ribeiro.

Cordealmente o felicitamos, desejando-lhe as maiores prosperidades.

Pelo Teatro

Representou-se na quarta-feira a peça anunciada *O Ladrão*. Nem esta nem a Companhia, que era muito desigual, agradaram.

A casa encheu-se.

De vez enquando

Esta data—20 de Março—pertence ao número das que não me podem passar despercebidas e mais tenho na minha vida tantas e tão variadas que não seria para admirar se alguma vez dela me esquecesse. São datas tristes, datas alegres, datas históricas e até datas de bordoada que o meu canhenho aponta e regista...Mas esta, a de 20 de Março, sobreleva a todas, porque nos dois meses de clausura forçada na cadeia de Vagos para onde requeri transferência em virtude da de Aveiro *não oferecer segurança*—(devo nesta altura declarar sob a minha palavra de honra que nunca saí à rua durante o tempo que lá permaneci)—estive de tal maneira instalado que ainda hoje tenho saudades, inclusivamente do meu quarto com a janela aos quadradinhos, da secretária onde escrevia, visto ter mudado para lá a redacção do jornal, de tudo, enfim, de que me foi dado dispor desde a primeira hora, mercê de quem o podia fazer sem afectar os seus deveres oficiais.

20 de Março!

Readquiri a liberdade aos primeiros minutos após a meia noite do dia anterior para o que tudo fôra preparado de modo a não faltar ao cumprimento da Lei.

A noite era de luar claro e alguns amigos da vila com outros de fóra quizeram dar-me a satisfação do seu abraço na hora em que voltava, libertado, ao movimento da rua.

Abriram-se as últimas garrafas de vinho do Porto e saltaram as rolhas dos espumantes do Barrocão em honra do *Democrata*. Depois, acompanhado só pelo carcereiro Silvério Regalado ainda andei dealbando por várias artérias e, deitando-me aproximadamente às três horas, dormi profundamente até às 7.

Foi a última noite que passei em Vagos, no quarto com janela aos quadradinhos, onde o Sol penetrava todo o dia, segundo os apontamentos que de lá trouxe, e a sua gente me encheu, me comulou de atenções, me deu as melhores provas de simpatia, de solidariedade, e me rodeou de tantos carinhos que nunca mais esquecerei esse episódio jornalístico motivado pela excessiva boa fé que sempre me acompanhou e de que fui vítima por nunca julgar o rancor tão audacioso como se há mostrado sempre que esta pena aparece a denunciar atitudes pouco airosas, dignas de reprovação.

Faz hoje, pois, anos, que deixei Vagos, que os meus olhos se marejaram de lágrimas ao dizer adeus ao seu povo numa despedida da cadeia, tão afectuosa que jámais a olvidarei enquanto cá andar por este mundo.

Trata-se de um autêntico paradoxo; mas como fiquei a conhecer muitos mais amigos do que os que possuia e o prestígio do *Democrata* aumentou, não julgo que a fauna dos inimigos tivesse lucrado alguma coisa com o meu afastamento da cidade durante os dois meses que dela estive ausente.

Antes pelo contrário. Como verifiquei e disso ainda hoje estou certo—dez anos volvidos já!

JOÃO DO CAIS

A NOSSA POSIÇÃO

—o—

Falou-se, há pouco, na Assembleia Nacional, em abolir os dois feriados da República — 31 de Janeiro e 5 de Outubro — e em criar outros. Para o conseguirem chegaram alguns membros a excederem-se na linguagem contra esses dois acontecimentos políticos, mas historicos, pretendendo diminuir quantos na melhor das intenções e por acendrado patriotismo neles intervieram. Por sua vez, o sr. major Botelho Moniz, intrevindo no debate, proferiu estas sensatas palavras:

«Há no 31 de Janeiro qualquer coisa perfeitamente portuguesa, digna e magnífica. E' o espírito magnanimo desses oficiais, que vendo partir os seus soldados para a aventura, sabendo que eles estavam condenados à derrota, ao mais formal dos insucessos, nem por isso deixaram de partir e de os acompanhar, correndo a sorte que eles correram.

. . . .

Nesta hora tão trágica para a vida do mundo, nesta hora em que tantos e tantos perigos nos ameaçam, em que os povos não sabem o que virá a ser a sua história de amanhã, parece que todo o nosso interesse será não nos dividirmos ainda mais do que já estamos. Devemos transigir nas pequenas coisas, para mais fortes e unidos podermos ser transigentes ante os grandes perigos.

Não toquem em datas que ainda são queridas e respeitadas por muitos portugueses.

. . . .

Quero como ninguém, antes de tudo, e acima de tudo, a unidade nacional. Como republicano, mas em nome desta unidade nacional, peço que deixem em paz o 31 de Janeiro e o 5 de Outubro. Não mexam na lei votada pelas Constituintes de 1910!»

Por todas as razões, os feriados de 31 de Janeiro e de 5 de Outubro devem merecer o respeito que lhes dá a circunstância de serem duas datas que assinalam o patriotismo da nação.

Estamos com o sr. major Botelho Moniz.

O "Japão,,

Ceifado pela asa negra da Morte, a que ninguem escapa, deixou, segunda-feira, o mundo, o velho *Japão*, conhecidíssimo de tôda a cidade, cujas ruas percorria, sempre assediado pelo rapazio que à sua passagem o arreliava e consumia com certos ditos que provocavam os seus impetos furiosos e a sua linguagem desbragada.

Luís de Sousa, assim se chamava, contava agora 75 anos, estava cego e ultimamente bastante trôpego. Mas não deixava de aparecer e de frequentar as igrejas, onde, em certas cerimónias, também cantava.

E assim passou a sua longa existencia, aos baldões, até que ao ser acometido de doença súbita, foi transportado para o Hospital onde faleceu.

E' de menos uma figura típica da nossa terra, que, por vezes, provocava o riso em face das suas atitudes.

"Recreio Artistico"

Festejou ontem o 52.° aniversário da sua fundação com uma missa por alma dos sócios falecidos seguida de romagem aos cemitérios, bodo aos pobres e sessão solene, na qual usaram da palavra vários oradores.

Em sinal de regosijo a sua sede própria esteve engalanada e à noite iluminou a fachada.

À velha *Sociedade Recreio Artistico* dirigimos saudações.

A Primavera

—o—

Está mesmo à porta. Entra amanhã, fartando-se a passarada de chilrear em volta dela, por entre o florido arvoredo da mais bela Estação do ano, como que a sauda-la.

Oxalá corresponda, em tudo, aos anseios com que é esperada.

Não foi sem tempo

Acabaram, finalmente, a semana passada os trabalhos, sem serem forçados, da pavimentação da Arcada, que principiaram em 21 de Outubro de 1947.

Tudo pronto. Inclsiuvamente o recanto da casa onde se acha instalada a Padaria Macedo em obediência ao plano urbanístico...

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

Esta corporação registou no ano de 1947 o seguinte movimento:

Piquetes de vigia no teatro, bailes e circo, 194; saída para incêndios, 11; condução de doentes, 37; condução de feridos em acidentes de trabalho, 6; idem na via pública, 5; idem em desordens, 3; representações em solenidades e funerais, 22; quilómetros percorridos na ambulância, 1015; idem nos prontos socorros, 312.

Aniversário luctuoso

Tendo passado na segunda-feira o 5.° aniversário da morte de Alvaro Martins Lima, distribuimos 20$00 por oito pobres da cidade que nos foram entregues para esse fim.

Em nome deles, agradecemos.

Uma novidade

Sem sabermos o que seja êste ano, por dentro, a Feira de Março, por não termos o dom de adivinhar, observámos, porém, do lado de fóra, que o *Pavilhão das Farturas* desapareceu para dar lugar a outro que o seu proprietário, Vitorino Casal, mandou construir de alumínio, apresentando-se, por isso, com aspecto mais asseiado, confortável e convidativo. Assim até as *farturas* devem saber melhor. E' um exemplo digno desta referencia especial, que espontaneamente fazemos com o unico fim de felicitarmos quem tanto se esforça por corresponder à confiança do público.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a Laurinha, filha do sr. Severim Duarte; no dia 22, as sr.as D. Maria Lucília Melo e D. Maria Luísa Melo, filhas do sr. José Pedro Soares de Melo Júnior, funcionário da Secção de Finanças; o sr. Joaquim de Deus Marques e o Ruisinho, filho do sr. Manuel da Cruz e Sousa; em 23, as sr.as D. Laura Morgado e D. Maria Helena Faria de Almeida, filha do sr. Manuel Faria de Almeida, funcionário da Filial do Banco N. Ultramarino da Beira (África Oriental) e o comerciante sr. Manuel Pires Ferreira; em 24, as sr.as D. Maria Ávia Duarte de Carvalho, D. Ana Marques da Silva Vieira e D. Maria do Céu Gigante, esposas, respectivamente, dos srs. Francisco Augusto Duarte, Joaquim António Vieira e Alexandre Gigante, de Viana do Castelo; em 25, o sr. António Andrade e Raúl de Oliveira Lemos, filho do sr. Abel de Lemos, ausente em Cassequel (Angola); em 26, a graciosa tricaninha Carolina de Lemos; em 27, a gentil Maria Helena Campos Corte-Real, filha do sr. Luís de Mendonça Corte-Real, e a sr.a D. Maria Marques Cristo, esposa do escrivão, aposentado sr. Júlio Cristo; em 28, a sr.a D. Lígia dos Reis Sousa, esposa do sr. Amadeu T. de Sousa; a esposa do sr. Manuel Gonçalves da Vitória, de Aradas, e os srs. Lino Costa e Victor da Silva Antunes; em 29, as sr.as D. Maria José Pinheiro da Cunha e D. Benilde Graça, esposas, respectivamente, dos srs. capitão Manuel Lourenço da Cunha e Telmo da Graça e Melo, funcionário dos C. T. T., e os srs. António Vicente Ferreira, José Bernardino Pereira e João Mendes Leite de Almeida, filho do sr. general João de Almeida; em 30, a professora sr.a D. Irene Cruz, esposa do sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal, e em 31, a sr.a dr.a D. Natália Malaquias Pereira, professora num dos liceus do Porto e esposa do sr. António Martins Pereira.

Partidas e Chegadas

Regressou da capital onde passou algumas semanas, a sr.a D. Maria Trancoso Magalhães.

—De passagem, esteve cá, o nosso amigo sr. tenente-coronel Manuel Martins dos Reis, a quem nos foi grato cumprimentar.

—Com sua esposa e filho está em Aveiro o sr. João Lapa de Oliveira.

Doentes

Não tem saído de casa devido a um ataque de reumatismo o sr. capitão Casimiro, Marques que oxalá se restabeleça depressa.

— Também não passa bem de saúde o sr. Manuel Vicente Ferreira, empregado na Agência do Banco de Portugal, a quem desejamos breve restabelecimento.

—Teve alta no Hospital desta cidade, onde esteve em tratamento e não em Lisboa, como por lapso dissemos, a esposa do sr. Orlando Trindade, da importante firma Trindade, Filhos, L.da.

Tem experimentado melhoras, o que estimamos.

Circo Amery

Instalado no recinto da Feira, faz hoje a sua estreia, apresentando um programa vasto e variado.

Agradecemos o cartão-convite para os seus espectáculos.

Coimbra-Aveiro

Na *Agenda* que o *Diário de Coimbra* costuma inserir, veio esta pequena nota:

Perde-se já nas brumas do tempo a data em que Aveiro—cidade linda entre as mais lindas—deu, fidalgamente, a uma das suas ruas mais importantes e mais airosas, o nome cantante de Coimbra.

Houve, nessa altura, uma rajada de simpatia por essa atitude, um movimento de gratidão, aliás justíssimo, para com aquela terra a que já se convencionou chamar a «Veneza de Portugal».

Porém, os anos correram. A lembrança desse gesto penhoradíssimo foi-se apagando da memória dos conimbricenses. E nunca a nossa ingrata Lusa-Atenas se resolveu corresponder à fidalguia da deliberação tomada, de certa vez, pela hospitaleira e generosa cidade da ria de encantamento.

Pois—como mais vale tarde que nunca — era tempo de saldar essa dívida em aberto.

Aveiro, justamente, terá reparado no nosso alheamento, na nossa indiferença, perante a gentileza cativante que nos dispensou.

E não faltarão oportunidades a Coimbra de pagar o que lhe deve, fazendo-o — visto ser absolutamente legítimo—com capital e juros dobrados.

Agradecemos a lembrança, que aqui fica registada.

Afogado

—o—

Uma barcaça, das que se empregam nos serviços de dragagens na barra, havendo sido arrastada pela corrente para o mar, com dois tripulantes sem que lhe pudessem acudir, afundou-se, tendo morrido um, de nome José da Costa Domingues Salvador, de 36 anos, casado, da Gafanha do Carmo e pai de 4 criancinhas de tenra idade.

O outro, embora a custo, salvou-se a nado.

"Bodas de prata,,

Comemorou-as, no domingo, a Escola Tomaz da Cruz, da Pampilhosa do Botão, por iniciativa de antigos alunos.

Realizou-se um cortejo com música, rancho folclórico com os seus lindos trajos e gentis raparigas, associações e muito povo, sendo recebido pelos alunos da escola que, dispostos em duas alas, lançaram flores à sua passagem. Aqueles cantaram o Hino Nacional e várias canções, tudo ensaiado pela professora sr.a D. Vera Correia de Melo.

Iniciou-se, em seguida, uma sessão solene de homenagem ao sr. Joaquim da Cruz, que fez parte da mesa, e aos professores da Escola, presidindo o presidente da Câmara da Mealhada, secretariado pelos sr. Delegado Escolar, presidente da Junta de Freguesia e Carlos Diogo, pelos antigos alunos.

Usaram da palavra os srs. Armindo Pêga, Guilherme Ferreira da Silva, Firmino Brito da Costa e dr. Manuel de Oliveira Matos e presidente da Câmara, tendo-se todos referido ao benemérito sr. Joaquim da Cruz, cujo retrato foi descerrado, em termos cativantes, e a quem foi oferecido um ramo de flores.

Durante a sessão, os antigos alunos homenagearam, também, o professor Brito da Costa, a quem foi entregue uma mensagem com muitas assinaturas, sendo, no final, ambos muito cumprimentados.

NECROLOGIA

Dr. Armando Coimbra

No Hospital, onde dera entrada para ser operado de urgencia, finou-se, segunda-feira de tarde, o sr. dr. Armando Dias Coimbra, de 50 anos de idade e que há perto de 25 era professor efectivo do Liceu de José Estêvão.

Muito considerado não só naquele estabelecimento de ensino como em toda a cidade, leccionava, também, no Seminário e era apreciado violinista.

O cadáver do malogrado professor esteve em camara ardente na igreja de Santo António, onde foi velado por colegas e alunos, tendo-se realizado, no dia seguinte, o funeral até o extremo da cidade visto se efectuar a sua trasladação para a Figueira da Foz, sua terra adoptiva. Nêle se incorporou o corpo docente, a academia, pessoas de representação etc. etc., que formavam extenso cortejo.

Ao chegar o feretro ao cemitério daquela cidade e antes de dar entrada no jazigo de família, o sr. dr. José Tavares, reitor do Liceu, que o acompanhou com outros calegas, fez o elogio do sr. dr. Coimbra, enaltecendo-lhe as virtudes.

O Democrata manifesta à viúva, sr.ª D. Raquel Ferreira Coimbra, filhos, irmãos e demais família o seu pesar.

* * *

Também a semana passada deixou o mundo o sr. Viriato Ferreira de Lima e Sousa, que agora contava 82 anos.

Era solteiro, secretário de Finanças, aposentado, e o seu cadáver foi sepultado no cemitério sul.

* * *

Nas Ribas (Ilhavo) sucumbiu, vitimado por uma grave enfermidade, o sr. Vicente Rodrigues da Cruz, funcionário, aposentado, da Caixa G. de Depósitos, natural da freguesia de Eirol, para onde se realizou, ontem, o enterro.

Deixou viúva a sr.ª D. Emília Amador da Cruz; era pai da sr.ª D. Armanda Amador da Cruz, e dos srs. dr. Manuel Amador da Cruz, veterinário municipal e João Pedro Amador da Cruz; irmão do sr. dr. Manuel Rodrigues da Cruz, tenente-coronel-médico; cunhado dos srs. Amadeu Amador e Silvério Amador, da firma *Testa & Amadores* e contava 70 anos.

A toda a família, o nosso cartão de condolências.

Faleceram mais: nesta cidade, Agabuz de Barros, casado, de 48 anos, e na *Quinta do Gato*, Luzia Rodrigues de Oliveira, viúva, de 86.

Manuel Nunes da Rocha

Agradecimento e missa do 7.° dia

Seu irmão, cunhada e mais família não o podendo fazer individualmente, vêm por êste meio manifestar o seu reconhecimento às pessoas que durante a doença se interessaram pelo seu estado, que o acompanharam à última morada e apresentaram condolências.

Participam também que mandam celebrar, na igreja da freguesia de Aradas, no dia 22, pelas 9 horas, uma missa em sufrágio da sua alma.

Auzenda Dias de Oliveira

Agradecimento

Seus filhos, genros, noras e netos vêm por esta forma manifestar o seu reconhecimento a todas as pessoas que acompanharam a extinta à última morada e bem assim às que enviaram pêsames.

Esgueira, 14-Março-1948.

« O Democrata »

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) . .	30$00
Semestre . . .	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Correspondências

Bonsucesso, 16

Escrevemos bastante impressionados com o desaparecimento, em plena juventude, do nosso inditoso conterrâneo Manuel Nunes da Rocha, que ontem de manhã exalou o derradeiro alento.

A triste e dolorosa notícia logo se espalhou por toda a freguesia, sendo recebida com emoção por quantos conheciam e apreciavam os seus predicados morais e seguiam a par e passo as fases da grave doença que o torturou e que agora o fez tombar para sempre.

Manuel Rocha trabalhou, primeiro, na fábrica de serração de que é sócio seu irmão João Nunes da Rocha—*Rocha & Pereira*—mas tendo outras aspirações e sentindo-se com vocação para as letras, abandonou as oficinas e de alma e coração dedicou-se aos livros. E, assim, em pouco tempo tinha tirado o curso dos liceus e matriculara-se na Universidade para se formar em medicina. Porém, o Destino cortou-lhe os vôos e desfez os seus anseios, os seus sonhos, fazendo-o resvalar no túmulo aos 25 anos!

O seu enterro, hoje realizado para o cemitério do Outeirinho, foi uma romagem de saudade, vendo-se em muitos rostos lágrimas que traduziam a dôr e o sentimento dos que viam no talentoso estudante uma esperança, tendo-se encorporado uma música que executou uma marcha fúnebre. E lá ficou, coberto de flores, a dormir o sono eterno, depois dum sofrimento atroz que tanto o martirizou.

A seus velhos pais, José Nunes da Rocha e esposa; a seus irmãos e restante família, manifestamos o nosso pesar.

P.

Esgueira, 17

O lavadouro da Ribeira, depois das obras a que procedeu a Junta de Freguesia ficou muito melhor.

—Para o sr. António Moutinho, sócio da Fábrica Adico, de Avanca, foi pedida a mão da interessante Maria das Dores de Pinho Duarte, filha do activo negociante sr. Manuel Duarte dos Santos e de sua esposa, sr.ª D. Maria do Rosário de Pinho Duarte.

O enlace realiza-se brevemente.

—No próximo domingo terá lugar um desafio de *basket*, entre o grupo local e o de Sangalhos.

C.

Saraiva & Saraiva

Por escritura de 17 de Janeiro de 1948, lavrada nas notas do notário desta cidade dr. Adelino Augusto Simão da Fonseca Leal, foi constituida entre Joaquim Ferreira Saraiva e Vitorino Saraiva Louro, ambos moradores no lugar de Mamodeiro, uma sociedade, em nome colectivo, nos termos e sob as cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma *Saraiva & Saraiva*, tem a sua séde lugar de Mamodeiro, freguesia de Requeixo, concelho de Aveiro.

2.º

O seu objecto é o exercício da indústria e comércio de torrefacção de café, chicória, grão preto e cevada, podendo ser explorado qualquer outro ramo com que eles, sócios, concordem.

3.º

A sociedade data o seu começo do dia 1 do corrente mês e ano e a sua duração é por tempo indeterminado, contando-se os anos sociais pelos civis.

4.º

O capital social é da quantia de escudos 50.000$00, fornecido pelos dois sócios em partes iguais e em dinheiro, achando-se as entradas já efectuadas.

5.º

Entre êles, sócios, não há vantagens especiais e os ganhos e perdas deverão ser repartidas por igual.

6.º

Ambos os sócios são administradores e gerentes, podendo por consequência qualquer deles usar da firma social, que só nas operações sociais será empregada.

7.º

Nenhum dos sócios poderá, nem mesmo em seu nome individual, aceitar letras, sacá-las de favor, contrair a obrigação de fiador ou abonador, ou qualquer outra responsabilidade que possa directa ou indirectamente afectar os interesses dos sociais.

8.º

Quando, segundo acordo deles, sócios, a Caixa Social necessitar algum suprimento poderá este ser feito por todos os sócios, ou por qualquer deles, vencendo o juro que se combinar.

9.º

Anualmente será dado um balanço, que se fechará com a data de 31 de Dezembro.

10.º

A sociedade não se dissolverá pela vontade nem pelo falecimento ou interdição de qualquer sócio.

11.º

Em tudo o que fica omisso serão aplicáveis as respectivas disposições do Código Comercial Português.

Aveiro e Secretaria Notarial, 29 de Janeiro de 1948.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Raul Ferreira de Andrade